

O ROMANCE-FOLHETIM EM MACEIÓ: O CASO DO *DIÁRIO DAS ALAGOAS*

The Serial Novel in Maceió: The Case of *Diário das Alagoas*

Rosária Cristina Costa Ribeiro¹
Edja Feliciano Silva²

RESUMO: O processo de urbanização e de desenvolvimento da imprensa em Maceió aconteceu, como na maioria das províncias do Brasil do século XIX, de modo lento e incerto. Seu primeiro jornal veio à luz em 1831, o *Íris Alagoense*. Entretanto, seu primeiro jornal diário surge em 1858, com o *Diário das Alagoas*. Partindo desse contexto, este artigo busca analisar brevemente como o *Diário das Alagoas* e sua publicação folhetinesca, sobretudo no que diz respeito aos romances-folhetins, refletem alguns aspectos da evolução social na Maceió do século XIX. Neste percurso pelas publicações do *Diário das Alagoas*, partimos do acervo documental disponibilizado pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital-Brasil). Já no que diz respeito ao levantamento bibliográfico, nos baseamos em dois precursores da historiografia alagoana, Craveiro Costa (1939) e Moacir Medeiros de Sant'Ana (1976;1987). No que concerne ao conceito de folhetim, nos baseamos principalmente em Marie-Ève Thérenty (2007), Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007) e Marlyse Meyer (1996). Neste breve levantamento dos romances-folhetins publicados pelo referido jornal diário, podemos perceber como a sociedade alagoana, e mais especificamente maceioense, se reflete em sua busca pela manutenção do patriarcado e das premissas cristãs que se estabeleceram na cidade desde sua fundação.

PALAVRAS-CHAVE: Romance-folhetim; Maceió, *Diário das Alagoas*.

ABSTRACT: The processes of urbanization and press development in Maceió unfolded, as in most Brazilian provinces during the nineteenth century, in a slow and uncertain manner. The city's first newspaper, *Íris Alagoense*, appeared in 1831; however, its first daily newspaper, *Diário das Alagoas*, was not established until 1858. Within this context, this article briefly examines how *Diário das Alagoas*—particularly through its serialized fiction, and more specifically its feuilleton novel—reflects certain aspects of social evolution in nineteenth-century Maceió. Our analysis is based on the documentary collection made available by the *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional* (BNDigital–Brazil). Regarding the bibliographic survey, we draw primarily on two pioneering histories of Alagoas: Craveiro Costa (1939) and Moacir Medeiros de Sant'Ana (1976; 1987). For the theoretical framework of the feuilleton concept, we rely mainly on the works of Marie-Ève Thérenty (2007), Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007), and Marlyse Meyer (1996). This brief survey of the serialized novels published by the daily newspaper reveals how Alagoas's society—and particularly that of Maceió—mirrors its ongoing

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista e professora da Universidade Federal de Alagoas.

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas.

effort to maintain patriarchy and the Christian premises that have shaped the city since its foundation.

KEYWORDS: Feuilleton novel; *Maceió*; *Diário das Alagoas*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estudar os jornais de uma localidade nos permite perceber diversas faces de seu desenvolvimento, como sua vida cultural, seus interesses comerciais, o crescimento da população, seu processo de urbanização, a evolução de suas condições sanitárias e sua relação com a literatura. Além dessas informações iniciais, podemos também perceber como muitos desses fatores se entrelaçam e constituem a história desse lugar. É o que pretendemos despretensiosamente neste artigo: buscar compreender como as evoluções técnicas, sociais e educacionais puderam dialogar com os romances-folhetins publicados no primeiro jornal diário de Alagoas, publicado em Maceió, a partir de 1858, o *Diário das Alagoas*.

O século XIX em Alagoas foi marcado por uma história partida, dupla. Inicialmente pertencente à Província de Pernambuco, foi separada e recebeu sua independência em 1817, como retaliação do governo do Reino Unido à Confederação do Equador. Nesse mesmo ano, sua capital era Santa Maria Madalena da Alagoa do Sul, ou Vila de Alagoas, atualmente Marechal Deodoro. Porém, desde esse período, com a relevância do Porto de Jaraguá, a capital foi, litigiosa e paulatinamente, transferida para Maceió, — de maneira oficial em 1839.

Entretanto, o processo de urbanização de Maceió foi ainda mais vagaroso. Seu primeiro jornal veio à luz em 1831, o *Íris Alagoense*, mas o *Diário das Alagoas* surge em 1858, como já mencionado. Esse relativo atraso deveu-se, entre diversos fatores, às dificuldades técnicas em se obter equipamentos tipográficos, mas também à pequena população e sobretudo aos baixos índices de escolarização. A título de comparação, o primeiro jornal diário do Rio de Janeiro, então capital do Reino de Portugal, Brasil e Algarves, surge em 1821, com o *Diário do Rio de Janeiro*.³

Neste percurso pelas publicações do *Diário das Alagoas* proposto aqui, utilizamos como fonte primária o site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital-Brasil), onde se encontra boa parte do acervo do referido diário, como poderemos constatar no desenrolar do texto. Já no

³ site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (BNDigital-Brasil) (<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/coordenacao-de-publicacoes-seriadas/acervo/origens-da-imprensa-no-brasil/#:~:text=Oficialmente%2C%20o%20primeiro%20jornal%20a,reinado%20de%20Dom%20Jo%C3%A3o%20VI.>)

que diz respeito ao levantamento bibliográfico, nos baseamos em dois precursores da historiografia alagoana. Para entendermos a evolução urbana e social de Maceió durante o século XIX, partimos das palavras de Craveiro Costa (1874-1934)⁴, jornalista e historiador alagoano, em sua obra *Maceió*, publicada em 1939, após sua morte. Trata-se de um texto comemorativo do Centenário da Cidade de Maceió, realizado pela editora José Olympio. Além de Craveiro Costa, evocamos Moacir Medeiros de Sant'Ana (1932-2022), grande especialista na historiografia da imprensa alagoana. Aqui, bebemos em de duas de suas obras, *História da imprensa em Alagoas (1831-1931)* de 1987, e o prefácio “O romance e a novela em Alagoas”, escrito para a edição de 1976, de *A Filha do Barão* de Pedro Nolasco.

Já no que trata do conceito de folhetim, nos baseamos principalmente naquele que Thérenty (2007) propõe como sendo o criado por Emile de Girardin, em 1836, quando este decide publicar no corpo do jornal um trecho do romance no rodapé da página.

O editor faz desse pedaço do jornal um espaço irônico, fantástico, que fala de um mundo diferente do que está no alto da página (parte política ou econômica do jornal). Ou seja, temos o nascimento do folhetim, no que se refere ao espaço ocupado e pelas formas que foram se construindo durante o século XIX. (RIBEIRO; VIANA, 2024, p. 229)

Já para nos ajudar a explorar as publicações dos romances-folhetins na então Província de Alagoas, partimos da obra de Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (2007) que, ao tratar de *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*, partiu de sua pesquisa entre as publicações na imprensa paraibana.

Por fim, para fecharmos estas considerações iniciais, apresentamos brevemente sua estrutura, que se encontra dividida em duas partes principais:

⁴ “João Craveiro Costa nasceu no dia 22 de janeiro de 1874 em Maceió. Perdeu o pai, Levino José da Costa, quando tinha dez anos de idade e abandonou os estudos para ajudar no sustento da mãe, Cândida Amélia Craveiro Costa. Foi aluno de alguns preparatórios no Liceu Alagoano e no Colégio Bom Jesus.

Trabalhou como caixearo-servente na Olympio Ether & Cia, uma casa comercial em Maceió. Permaneceu como auxiliar de comércio até os 26 anos. Nesse período já atuava no jornalismo, escrevendo para o *Rebate, 15 de novembro, Malhete, Orbe e Gutenberg*. Assinava como Gavarni, neste último, a seção diária “Palavras soltas”. Essa seção foi levada, anos depois, para o *Correio de Alagoas*.

Participou de forma audaciosa e panfletária no *Gutenberg* do processo eleitoral que levou Euclides Malta ao governo de Alagoas (assumiu em 12 de junho de 1900). Temendo ser vítima da violência que dominou aquele período político, optou por deixar seu Estado” (TICIANELI, 2017, s. p.).

a primeira, faz um breve panorama da evolução social e urbana de Maceió no século XIX. Já a segunda parte traz uma apresentação do primeiro jornal diário da então capital da Província de Alagoas, o *Diário das Alagoas*, e uma breve proposta de análise da presença dos romances-folhetins nesse periódico.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO URBANO E SOCIAL DE MACEIÓ NO SÉCULO XIX

Danilo Luiz Marques (2013), em seu artigo “Escravidão, Quotidiano e Gênero na Emergente Capital Alagoana (1849-1888)”, retomando a obra de Craveiro Costa (1939), nos chama a atenção para a descrição da cidade de Maceió, escrita por um viajante norte-americano, Daniel Parish Kidder, em 1840:

A cidade de Maceió se resumia em uma única rua. Ostentava duas igrejas em lamentável estado de conservação e, ainda assim, duas outras estavam em vias de construção; não havia, porém, convento algum. Os outros prédios públicos dignos de nota eram: o teatro, o palácio do governo, alojamentos para soldados e o Paço Municipal. [...] A despeito de vários motivos de interesse geral, o teatro estava inteiramente aberto, aparentemente abandonado e dando, um dos lados, a impressão de ter sido demolido para reforma ou caído em ruínas. Em grande parte, as casas de Maceió são construídas de taipa, e, com exceção de apenas uma ou duas, jamais excedem de um único pavimento (Kidder, 1980, *apud* MARQUES, 2013, p.73).

Segundo o historiador, podemos perceber neste relato o “processo de urbanização de Maceió nos anos que se seguiram a 1839” (MARQUES, 2013, p.73). A precariedade das habitações e o descaso com a vida cultural, eram, segundo Marques (2013, p. 74), “[...] traços de uma vida rural que predominava na época, que, com a mudança da capital para Maceió, acabou por ocasionar uma reestruturação do espaço urbano”. Sobre essa condição ruralizada, Costa (1939) diz que:

Ao findar o regime colonial, a povoação de Maceió já era um grande centro comercial de alguma importância, servindo de empório a uma vasta zona agrícola, que se desenvolvia pelo vale do Mundaú e do Paraíba, cortada por dois grandes caminhos abertos ao acaso da penetração sertaneja, com

diversos centros açucareiros marginais. (COSTA, 1939, p. 17)

Essa reestruturação do espaço urbano maceioense a partir de 1839 seria acompanhada de um crescimento populacional, passando de 16.064 pessoas em 1847 para 28.630 em 1870 (MARQUES, 2013, p. 76; COSTA, 1939, p. 144). No mais, não podemos nos esquecer do foco da pesquisa de Marques: um percentual considerável dessa população era composto por pessoas escravizadas, sendo esse percentual 25%, em 1847, e 16%, em 1870. Ou seja, uma considerável parcela da população era mesmo impedida de ter acesso à escola. A escolarização, inclusive, é um ponto fulcral quando pensamos em processos de urbanização e expansão da imprensa no século XIX. No Brasil, a leitura comunitária, por exemplo, era uma realidade presente. Porém, mais leitores impulsionariam a venda de jornais e livros, assim como também poderiam contribuir para o aquecimento da vida cultural urbana. Para tratar rapidamente desta questão, recorremos à obra de Craveiro Costa (1939).

Além da ausência de pessoas negras no sistema escolar, outra figura que demorou para conquistar seu espaço nas salas de aula maceioenses foi a mulher. Craveiro Costa chama a atenção para a situação social da gente feminina nas incipientes cidades brasileiras do final do século XVIII e início do XIX:

Em geral, a mulher, na colônia, mesmo na metrópole, era analfabeta e permanecia prisioneira no lar paterno, donde saía para o cárcere de outro lar, pelo casamento, com todos os vícios seculares de uma educação que levava fatalmente ao asfixiamento da delicadeza dos sentimentos feminís. [...] Só em 1829 fundou-se em Maceió uma escola primária para meninas, regida pela professora Rosa Senhorinha de Sousa Leitão, que a inaugurou a 24 de janeiro daquele ano. Ao fundar-se a vila, cremos poder afirmar, tôdas as mulheres eram analfabetas (COSTA, 1939, p. 39-40).

A falta de acesso das mulheres à educação formal será também fator impactante nas manifestações literárias, muitas delas, aparentemente, voltadas para esse público que se tornou crescente ao longo do século XIX. Felizmente, a vida escolar maceioense foi crescendo ao longo desse século, mesmo se ainda não fosse em nível e alcance satisfatórios, como bem salienta Craveiro Costa:

Do relatório do presidente Antônio Alves de Sousa Carvalho destacamos estas informações acerca da instrução pública na

capital, em 1862. Contava o município apenas seis escolas públicas e cinco particulares, aquelas frequentadas por 425 alunos: 287 em três escolas em Maceió, 57 em uma em Jaraguá, 58 em uma em Bebedouro e 23 em uma em Pioca. Quantos alunos frequentavam as escolas particulares o relatório não diz. Portanto, em todo o município da capital, o mais importante da Província, com uma população livre de 20.000 almas, apenas cerca de 600 crianças frequentavam as escolas de ensino primário! Era desolador.

O curso secundário, ministrado oficialmente no Liceu, fora frequentado por 116 estudantes, que cursaram aulas de Português, Latim, Francês, Inglês, Geometria, Geografia e Filosofia. (COSTA, 1939, p. 169)

Interessante observar que Pioca (atualmente Ipioca, litoral norte de Maceió) tinha um número de habitantes igual à Maceió, em torno de 12 mil almas. Porém, um terço dessas pessoas era escravizado, o que explica o número inferior à metade dos educandos de Maceió. A título de comparação, em 1920, já na República do Café com Leite, Maceió contava com 34.133 pessoas alfabetizadas, contra 40.043 sem nenhum grau de alfabetização (COSTA, 1939, p. 193).

Socorro Barbosa (2007, p. 27) nos lembra, a partir de seus levantamentos documentais na imprensa paraibana do século XIX, que a difusão dos jornais tinha também “[...] a missão de suprir a falta de escolas e de livros através dos seus escritos jornalísticos”. Provavelmente, este elemento também estava presente na leitura de folhetins maceioense.

É nesse contexto de urbanização e escolarização que tem início a imprensa alagoana, e mais especificamente, a maceioense. Como já citamos rapidamente, o primeiro jornal alagoano foi o *Íris Alagoense* (SANT'ANA, 1987), após algumas solicitações sem sucesso feitas ao Império de se estabelecer em Maceió uma tipografia. Porém, seu primeiro volume não foi impresso em terras caetés, mas sim na Bahia. Somente em agosto de 1831, alguns meses depois da primeira edição, é que a Sociedade Patriótica de Maceió consegue comprar uma prensa em Recife (SANT'ANA, 1987, p. 20). Entretanto, não havia na província nenhum tipógrafo. Para resumir estes primeiros anos de imprensa alagoana, seguindo sempre os registros de Sant'Ana (1987), as dificuldades técnicas foram sempre acompanhadas de dificuldades políticas, que provocaram empastelamento das pouquíssimas máquinas aqui existentes, que até mesmo foram jogadas na Lagoa Mundaú e no rio São Francisco.

A dificuldade técnica (e política) serão dois fatores preponderantes tanto para a dificuldade em se produzir jornal quanto para a conservação

deles. Esta questão é um ponto para o qual Sant’Ana (1987) chama a atenção em sua “Nota Introdutória”:

Tratando, agora, acerca de algumas dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa, temos a destacar o principal obstáculo a ser enfrentado por quem se dispõe a escrever sobre a história da imprensa alagoana: a escassez de fontes primordiais, uma vez que nossos jornais e outros periódicos do passado não tiveram, em grande parte, suas coleções preservadas, de muitos até inexistentes um número sequer.

Quanto a outras espécies de fontes — livros de atas e correspondências pertencentes às antigas associações das classes dos gráficos e dos jornalistas, também não são encontradas. Lamentavelmente, todo esse documentário, de indiscutível importância para a reconstituição da História, desapareceu na voragem do tempo, por descaso de nossos ancestrais. (SANT’ANA, 1987, p. 13)

Como constataremos na próxima seção deste trabalho, este é um mal que assola também o *Diário das Alagoas*. Por ser um jornal diário, que não era publicado às segundas-feiras, e que existiu, durante o século XIX, por 35 anos consecutivos, estima-se que tenham sido impressas por volta de 10.900 edições. Entretanto, no site da Hemeroteca BNdigital, local onde se agrupam as publicações disponíveis no Arquivo Histórico de Alagoas, de Pernambuco e do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, temos disponibilizadas ao todo 42 edições, entre os anos de 1860 e 1889.

Assim, refletindo sobre a conjuntura de surgimento e desenvolvimento da imprensa alagoana, e mais especificamente aqui neste artigo da maceioense:

É interessante observar uma afirmativa que Marie-Ève Thérenty (2007, p. 19) faz quando diz que “a literatura no jornal é uma literatura essencialmente crítica” (tradução nossa). Essa afirmação nos remete a uma literatura publicada no jornal que consegue dialogar com a sua realidade de maneira mais contundente, justamente pela agilidade na publicação do jornal se comparado ao livro, sobretudo no que diz respeito à repercussão dos fatos e leituras, bem como à proximidade entre leitores e escritores (RIBEIRO; VIANA, 2024, p. 228-229).

A presença desses jornais dentro da imprensa alagoana demonstra como, em conjuntura com o cenário regional, nacional e internacional,

também se desenvolve a cultura de publicação e leitura de textos literários em Alagoas. Entretanto, não podemos perder de vista que o século XIX ainda é um século em que a presença de escolarizados ainda está profundamente marcada por classe, gênero e cor. Uma sociedade escravista, latifundiária, machista e misógina – em que pobres, negros e mulheres, mesmo que de classes mais altas, não possuíam ainda letramento algum. Sabemos que mesmo em regiões mais “desenvolvidas” e cidades mais complexamente organizadas, como no caso do Rio de Janeiro, sede da corte e do Império, as taxas de analfabetismo eram grandes. Para se ter uma ideia, o início das medições começa somente em 1872, quando a taxa de analfabetismo registrada foi de 82,6%. Assim, muitos pesquisadores veem a leitura do romance-folhetim como uma prática coletiva, ou de estímulo à alfabetização.

Voltando a Socorro Barbosa (2007) sobre a importância do jornal para o desenvolvimento da leitura em províncias com pouco acesso à escola e à livros, a pesquisadora nos lembra que:

Neste sentido, esta menção à prática de leitura dos jornais a aproxima àquela dos romances-folhetins, cuja leitura também era feita oralmente. E assim como os romances se reproduziram e se tornaram populares, essas palavras do redator, ainda nos primórdios da imprensa literária no Brasil, podem revelar o motivo pelo qual surgiram tantos e tão variados periódicos em todos os cantos do país. (BARBOSA, 2007, p. 28)

Assim, essas famílias, que poderiam custear educação formal aos homens e mulheres, a recebiam como privilégio, já que sua função social estava ligada à maternidade e ao cuidado do lar. Mesmo Alagoas sendo uma das menores províncias e Maceió uma cidade de pequeno porte, se comparada a outras capitais provinciais, já havia a presença de uma pequena elite local, ligada ao latifúndio e à produção de cana de açúcar. Uma sociedade profundamente marcada por padrões sociais patriarcais, em que certamente a mulher logrou lugar com muito custo. O primeiro romance-folhetim registrado a ser publicado em Maceió diz muito sobre o lugar ocupado pelas mulheres nessa sociedade:

Publicado em *O Correio Maceioense* (1850-1851), durante o ano de 1850, tendo continuidade entre as edições catalogadas na Hemeroteca Nacional com os números de 0001 e 0027, encontramos o romance-folhetim *O amor materno*. Este foi o primeiro e único folhetim e romance-folhetim identificado entre 1836-1850, recorte temporal desta pesquisa. Publicado

entre os meses de março e julho de 1850 [...]. (RIBEIRO; VIANA, 2024, p. 234)

Apesar das críticas que as mulheres leitoras recebiam em certos círculos sociais, o jornal e os escritores se aprofundaram e lucraram com essa relação, uma vez que não somente os folhetins, mas alguns romances específicos eram “leitura para senhoras” (BARBOSA, 2007, p. 73). Esse direcionamento não se dava somente no plano comercial, mas sobretudo no plano do conteúdo. Socorro Barbosa nos chama a atenção para o tipo de romance-folhetim que era publicado na maioria das vezes, destinado a esse “consumo” feminino:

Eles são sugestivos e revelam a predileção por temas conhecidos e saudados, como o amor de mãe, de “Ternura maternal” e “Um mau pai”, ambos dados como “histórias reais”, ocorridas na mesma Vila de S... A... Outro que pode ser enquadrado neste gênero é o conto “Uma aventura em Veneza”, de P. S. (Pereira da Silva), publicado no *Jornal de Debates*, de 15 de março de 1837. (BARBOSA, 2007, p. 51)

Nesse sentido, *O amor materno* contempla em cheio esse perfil de leitora que se queria formar, essa mulher da sociedade que se buscava moldar em padrões cristãos e patriarcais. Porém, não foi somente em terras brasileiras, alagoanas ou maceioenses que esse fato ocorreu. Ainda resgatando as palavras de Barbosa (2007):

Logo na década de 30, assim como na Europa, a leitura de romance passou a ser identificada à mulher. Também aqui vários foram os jornais que publicaram seus libelos contra a leitura de romance, principalmente feita pela mulher. Tanto que a leitura de alguns romances não era indicada às mulheres. (BARBOSA, 2007, p. 92)

Entretanto:

Como a leitura de romances parecia indissociável da figura da mulher, os folhetinistas e escritores passaram a figurá-las em seus escritos, ao mesmo tempo em que desqualificavam essa leitura. Esta trajetória pode ser verificada também nos periódicos, através, sobretudo, de uma leitura diacrônica. (BARBOSA, 2007, p. 94)

Desta forma, assim como a literatura, a imprensa é um produto de uma sociedade que visa atender a novos ideais sociais da burguesia e seus valores relacionados à ordenação social. Esses valores, ligados a uma ideia de progresso social, que foram vinculados principalmente ao positivismo científico, buscavam valorizar e legitimar a ideologia social da classe que os alimentava. O romance como produto histórico desse processo irá, em sua evolução, absorver em suas linhas esses valores.

Aqui destacamos uma junção de um materialismo histórico, como Karl Marx aponta em *O Capital* (2013), no que se refere aos meios de produção e à formulação de uma sociedade de classe, bem como um materialismo dialético, forma como o sociólogo vai definir toda retórica ideológica produto e produtora do materialismo histórico. Pensemos, de acordo com Lukács (1999, p.101), que a literatura produzida nessa época é fruto dessa estrutura social: o romance será então uma forma de propagação desse materialismo dialético que é um produto, mas que também sustenta as formas econômico-sociais do capital. Assim, o romance também irá legitimar como essa “epopeia burguesa” os valores de seu tempo, os ideais da nação. Bem como a representação de ontologia humana individualizada, gerando uma cisão de valores. O homem moderno é o homem individual, intelectualizado e capitalista – claro que ainda falamos com recorte de raça e classe de uma sociedade escravista.

Não é de se estranhar que a produção romanesca esteja intrinsecamente ligada à criação de um ideário de Nação, uma Nação que acabara de se tornar independente da coroa portuguesa. Independente de Portugal, mas ainda com uma família real europeia e ligada aos valores sociais eurocêntricos. Ao falarmos do cenário nacional, com a criação de uma retórica nacionalista, também devemos lembrar que a desigualdade ainda era grande, e o “progresso” e a estrutura social apresentada na corte não eram as mesmas nas outras regiões do país (RICUPERO, 2004).

Apresentando a relevância e o papel do gênero textual romance na formação do ideário nacional e na manutenção e propagação da ideologia burguesa, levamos em consideração que a chegada dessas novas formas de comunicação e de propagação cultural em nosso estado trouxe em seu bojo uma nova “mentalidade” que acompanhava a estrutura dessas obras como fruto ideológico em sua produção. Assim, o Brasil se caracterizava como um estado ainda profundamente marcado por uma estrutura ainda colonialista, ligadas a um patriarcado rural, com a forte supremacia do campo sobre a cidade que ainda era embrionária. Através de uma estrutura social que corrobora com essas formas de produção, verifica-se a difusão das ideias burguesas e nacionalistas, que também são propagadas pelos romances-folhetim que começaram a aparecer nesse período.

Esse crescimento na difusão de romances nos jornais locais

também se liga ao crescimento e à estruturação do Estado. Alagoas, que só veio a conquistar a autonomia da Província de Pernambuco no início do século XIX (1817), quando se encontrava em relativo atraso econômico e social. Vai ser nesse período também que Maceió será transformada em capital da província: a antiga cidade de Santa Maria Madalena das Alagoas dá lugar a Maceió como centro administrativo e econômico. Assim, essa literatura que começa a chegar em nossa sociedade também vai ser relevante para a formação social local.

Sobre a relação entre a imprensa e a política local, Santos (2023, p.40) nos aponta que a imprensa era parte do dispositivo político em Alagoas ainda na década de 1960. Ela será, nas palavras da autora: “um dispositivo para a propagação de ideias civilizadas e um órgão suscitador de mudanças sociais”. Portanto, o jornal será parte da formação da sociedade alagoana na produção de seu lócus, não apenas no que diz respeito à produção do folhetim, mas também em todo resto.

Devemo-nos lembrar que as notícias e os cenários privilegiados pelo jornal não surgem do nada. Sabemos que os jornais são mais do que fontes de informações: as matérias e as reportagens que eles evidenciam são parciais, pois utilizam a visão de grupos que assumem o privilégio do discurso, sem dar espaço ao outro que geralmente é falado. A imprensa, portanto, é um órgão propagador de ideias e formadora de opiniões, que articula as concepções dos grupos de poder local em suas páginas, por meio das suas reivindicações. É dessa maneira que o ideal urbano presente na lógica do regime civil-militar da recém-fundada república, por exemplo, é vendido à população por meio da imprensa. Os jornais contribuem para a produção das reputações individuais e dos grupos. São postas a jogo demandas em favor de uma parcela da sociedade em detrimento do prejuízo e subjugação de outra (SANTOS, 2023, p. 42).

Dessa forma, ao olharmos para a produção e propagação da imprensa e dos romances-folhetins no contexto local, também olhamos para a formação sócio-histórica da Província-Estado. Alagoas passará por fortes transformações econômicas e culturais, transformações estas de que o jornal fará parte. A imprensa local será, então, a legitimadora de um ideal nacional, inclusive em seus folhetins, que trazem em suas linhas a ideologia buscada pela elite vigente. Apontamos, pois, para a presença da literatura romanesca de folhetim em nosso Estado como um meio de propagação de ideais para a sociedade alagoana em formação, seja como uma forma mais barata de leitura como distração para a classe média ainda formação, seja como difusão de ideais para as elites que ainda estavam muito ligadas, no interior do Estado, a uma elite latifundiária que ainda não abarcava os ideais de uma aristocracia burguesa capitalista.

DIÁRIO DAS ALAGOAS: UMA PRESENÇA FOLHETINESCA NO COTIDIANO MACEIOENSE

Composto, em geral, por quatro páginas organizadas em cinco colunas, o *Diário das Alagoas* surge em primeiro de março de 1858 e suas publicações alcançarão até o ano de 1892, inicialmente, e depois os anos de 1907 e 1908, em uma tentativa de retorno (SANT'ANA, 1987). Como já registramos anteriormente, essa enorme riqueza de registros, participando de mais de 10.900 manhãs maceioenses, somente no século XIX, se perdeu ao longo do tempo, de modo que chegamos ao século XXI com acesso digital a apenas a 42 exemplares. Esse fato impacta diretamente todas as pesquisas que pretendem se aventurar por essas produções. Portanto, para adentrarmos ao universo do *Diário*, nesta seção apresentamos um quadro, fruto do levantamento da presença da seção folhetim nas edições disponíveis desse período, bem como um levantamento geral da presença do texto literário em suas páginas. Esse levantamento é acompanhado de uma proposta de análise a respeito de algumas de suas características marcantes que refletem, ao nosso ver, muito da sociedade maceioense que produziu aquelas obras literárias.

Segundo Sant'Ana (1987), este primeiro jornal diário da província apresentava-se, originalmente, como uma entidade isenta no que diz respeito ao seu posicionamento político. Porém, nem sempre essa isenção foi levada a cabo: em determinados momentos, o jornal se posicionou ao lado do Partido Conservador. Outro ponto a ser lembrado é que sua existência longeava perante as demais publicações do período e sua intensa periodicidade só foram possíveis porque essa folha assumiu também o papel de *Diário Oficial da Província*.⁵ Com essas duas informações, vemos como este jornal, a princípio neutro em seus posicionamentos, na verdade tinha interesses em manter uma boa relação com o poder local.

Além de repercutir os pensamentos políticos do período, a escolha dos romances-folhetins publicados no *Diário das Alagoas*, ou a ausência deles como veremos, conecta-se também com o momento literário que vivíamos: o Romantismo. Nesse sentido, Moacir Sant'Ana (1976) nos informa que o periódico inicia a publicação de folhetins com o romance *Renato*, de François-René de Chateaubriand (1768-1848), e o registra como um dos primeiros romances-folhetins publicados em Alagoas. Apesar de não apresentar nenhuma notícia sobre a tradução da obra, sabemos que se trata da novela *René*, publicada pela primeira vez em 1802, dentro da obra *Le génie du Christianisme*, uma das obras mais importantes do Romantismo europeu e

⁵ Segundo Sant'Ana (1987), foram os seguintes anos: 1859-1860, 1868-1873 e 1885-1889.

de publicação muito simbólica nos jornais brasileiros. De acordo com Regina Zilberman:

A circulação da obra de Chateaubriand no território brasileiro não se restringiu, porém, à publicação e leitura de *Atala*, pois *René*, pertencente ao mesmo ciclo, foi também bastante popular. As convicções religiosas do autor, somadas à valorização do indígena americano, convinham a intelectuais que acreditavam ser sua incumbência fundar e, ao mesmo tempo, consolidar uma literatura nacional. (ZILBERMAN, 2017, p. 4)

Assim, agregando diversas tendências, como o nacionalismo, a expressão do cristianismo, a valorização dos povos originários das Américas, a obra de Chateaubriand representava as principais facetas daquela sociedade maceioense conservadora e quase rural da metade do século XIX. Infelizmente, as primeiras edições do *Diário* não se encontram disponíveis para consulta. Entretanto, a partir de nossos levantamentos, pudemos ter acesso a outros romances publicados como folhetim pelo *Diário*. A seguir, apresentamos um quadro em que estão organizados os dados recolhidos a partir do levantamento realizado no site da Hemeroteca da BNDigital. Nosso enfoque está na presença do folhetim e dos romances-folhetim, bem como de outros textos literários que eventualmente possam estar publicados.

Quadro 1: A representação do texto literário no Diário das Alagoas século XIX

Edição e data	Folhetim	Autor/tradutor	Outros conteúdos literários
81: 9 abr. 1860 a 94: 24 abr. 1860	<i>Reginaldo ou vinte annos de remorsos</i> (cap. IV a XV)	R. A. M. Matos	
37: 14 fev. 1868	Não consta folhetim		Publicação da rubrica “Variedade” de conto, intitulado “O amor a tudo”

			obriga”.
291: 22 dez. 1876	<i>As obras da Misericórdia</i> (v. 2, livro 5)	H. P. Escrich, tradução de J.B. Matos Moreira	
53: 9 mar. 1878	<i>Anjo da Guarda</i> (v. 1, livro 5)	H. P. Escrich, tradução de J. Cruzeiro Seixas	
258: 13 nov. 1880	Não há registro da publicação de folhetim nem de outro tipo qualquer de conteúdo literário.		
272: 30 nov. 1883	<i>O inferno dos ciúmes</i> (cont. do <i>Amor dos Amores</i> , livro 12, cap. IV e V)	H. P. Escrich, tradução de J. Cruzeiro Seixas	
72: 10 abr. 1883	<i>Noites amenas</i> (contos)	de H. P. Escrich, tradução de Júlio Gama.	
252: 30 out. 1888 a 259: 8 nov. 1888	Não consta folhetim. Primeira página destinada ao diário oficial da Província.		
212: 18 set. 1889	Não consta folhetim nem nenhuma outra publicação literária.		
213: 19 set. 1889	Não consta folhetim		Conto de França Júnior, “O Noivo”, na seção “Variedades”.
214: 20 set. 1889	Não consta folhetim		Conto de Aluísio Azevedo, “Como ele as

			arma”, na seção “Variedades”.
215: 21 set. 1889	<i>O Azucrim</i> , que parece ser multiforme	sem autoria ou tradução	<i>O bosque da miséria</i> , na seção “Variedades”
216: 23 set. 1889	Não consta folhetim		Poemas, na seção “Variedades”, com a autoria restrita a J.S.G. e a anotação “traduzido do original em catalão”.
217: 24.09.1889	Não consta folhetim		Conto intitulado “As mães”, na seção “Variedades”, com a autoria de “Da Civilização”.
218: 25 set. 1889	Não consta folhetim		Conto intitulado “Uma ingênua”, na seção “Variedades”, com a autoria de Lúcio de Mendonça.
220: 27 set. 1889	Não consta folhetim nem nenhuma outra publicação literária		

282: 10 dez. 1889 a 288: 17 dez. 1889	<i>A Padeira</i> (cap. XXXVIII, XXXIX, XLIII e XLIV)	Xavier de Montépin, sem indicação da tradução.	
--	---	---	--

FONTE: as autoras

Ao observarmos a seção folhetim, percebemos que ela não é composta somente pelos romances-folhetins. Apesar das poucas edições que restaram para análise, podemos perceber que o jornal também dedicava o espaço à publicação de contos, o que era um registro comum entre os jornais do período em todo o Brasil.

Sobre isso, Barbosa (2007) salienta:

Neste sentido, a prosa de ficção surgiu, assim, como uma demanda do público leitor de periódico, cujo controle era impossível de restringir ou estabelecer *a priori*, uma vez que ia se conformando a partir das expectativas da época.

[...]

Nesse sentido, observa-se que aquele espaço dos periódicos reservado à ficção também foi alimentado por outros gêneros tradicionais, tais como anedotas, novelas e apólogos, diálogos, até constituir, a partir do que Lima Sobrinho chama de “um misto de crônica e de conto”, o que conhecemos atualmente como conto. (BARBOSA, 2007, p. 22)

Neste sentido, acrescentam-se ao *Diário das Alagoas* outras seções além do folhetim: surgem as seções “Variedade(s)” e “Literatura” que se dedicam a publicar os mais diversos gêneros, como poemas, anedotas, contos, charadas. Como nos aponta Socorro Barbosa, esses gêneros refletem os desejos dos leitores e leitoras.

Outro ponto que nos chama a atenção é o fato das autorias nem sempre ficarem claras, assim como as traduções. Em geral, somente os grandes nomes como Xavier de Montépin, França Júnior, Francisco Caldeira e Enrique Pérez Escrich são nomeados. Sobre isso, Barbosa ressalta que:

Desde os primórdios da imprensa brasileira, observa-se uma tendência forte ao anonimato, ou ao uso indiscriminado do pseudônimo, tanto nos jornais da Corte como naqueles existentes nas províncias a partir da segunda década do século XIX. Esta prática parece ser menos uma "fraqueza" ou "defeito"

da imprensa brasileira, do que uma marca da linguagem jornalística no século XIX. [...]. A utilização dos pseudônimos na época se tornou um problema de ordem bibliográfica, haja vista que, mesmo com a decifração de muitos deles, muito autor ficou esquecido pelo anonimato (BARBOSA, 2007, p.32-33).

Além disso, vemos que o folhetim se tornou um espaço de publicação para muitos daqueles que eram marginalizados, tanto pelos sistemas escolares quanto pela sociedade patriarcal: um espaço em que mulheres e negros poderiam publicar suas obras. Aqui ressaltamos o registro que Sant'Ana faz da produção feminina nas traduções para o período: “Neste mesmo ano de 1858, aquele jornal, em seu número de 17 de dezembro, noticiou que a alagoana Francisca Maranhão (Francisca Maranhão Cavalcante de Albuquerque), filha do Barão de Atalaia, havia traduzido do alemão o romance *Emma de Tenneburg*, de autoria do cônego Schimidt” (SANT’ANA, 1976, s. p.). Neste caso, apesar de pertencer a uma classe abastada e com acesso à educação, Francisca Maranhão se sobrepondo ao que a sociedade maceioense da época esperava de uma figura feminina e conquistou não somente o direito de publicar sua tradução como também de registrar seu nome como tradutora da obra. Entretanto, nos exemplares levantados, não constatamos a presença nem da autoria feminina, nem da tradução.

Finalmente, no que diz respeito aos romances-folhetins publicados nas edições sobreviventes do *Diário das Alagoas*, podemos perceber algo que Ribeiro e Viana (2024) já haviam registrado e que discutimos na seção anterior deste artigo: a presença de um número considerável de romances-folhetins com temática cristã. *Reginaldo ou vinte annos de remorsos*, *O azucrim*, *A Padeira*, obras brasileiras e francesas, mas principalmente as obras de Enrique Pérez Escrich, a saber *As obras da Misericórdia*, *Anjo da Guarda*, *Noites amenas* e *O inferno dos ciúmes*, apresentam temáticas voltadas para os preceitos cristãos. Marlyse Meyer (1996), a partir de um epílogo presente em uma versão portuguesa do romance *A casaca azul* (1864), enfatiza que o espanhol Escrich surge como uma alternativa aos romances-folhetins franceses. Segundo a pesquisadora:

Os leitores estavam cansados de crimes e horrores à Ponson du Terrail. Escrich, variando de rumo, apresentava as cenas da vida com naturalidade, os seus personagens comiam com apetite, dormiam bem, viviam, enfim, dentro das condições normais [...] e o público, que estava acostumado a achar em cada página dois adultérios, uma dúzia de suicídios, vinte roubos, trinta violações e uma grossa pelo menos de crimes

pequenos, deleitava-se contemplando os quadros que Escrich traçava, todos bonitos, limpos, ordenados com simetria, adornados com florzinhas; e, ainda que também contivessem crimes, adultérios e vícios, como apareciam aos seus olhos poetizados e como sempre havia personagens que pregavam a moral, que recordavam a cada instante os preceitos do Evangelho, os leitores proclamaram Escrich como romancista moral [...]. (MEYER, 1996, p. 323)

Ao discorrer sobre o autor, em seus próprios termos, Marlyse Meyer apresenta o tom que os romances de Escrich querem transmitir:

O romance em fascículo se inscreve na linha “desgraça pouca é bobagem”, na qual “a virtude triunfa sempre”, da qual tivemos contundente exemplo com um folhetim do qual lancei mão frequentemente: *O poder dos humildes*, de Contreras. Nele e congêneres vão se encontrar cortes de honradas, virtuosas ricas e pobres órfãs virgens, esposas irmãs, adultérios involuntários, mulheres perdidas (por erro), estupros e seus hediondos efeitos, “tremendos incestos”, lágrimas e sofrimentos mil, redimidos pelo sofrimento de *o Mártir do Gólgota*. Grande glória circense, obra popularíssima de Pérez Escrich. (MEYER, 1996, p. 322)

É interessante pensar que além de representar a moral cristã, ligada ao Evangelho, de uma sociedade fortemente católica, Escrich também representasse uma forma de evasão em relação à própria organização da cidade de Maceió: conforme pudemos ver nos relatos trazidos por Craveiro Costa (1939), com um processo de urbanização lento e precário, os quadros “todos bonitos, limpos, ordenado com simetria, adornados com florzinhas” representavam uma fuga. Ao mesmo tempo, no entanto, as leitoras e leitores podiam se deliciar com a virtude e o bem sempre vencendo qualquer tipo de desgraça. Assim, pode-se inferir o porquê de, ao menos nos exemplares analisados, Escrich apresentar um número muito superior de publicações.

Por outro lado, nas seções “Variedades” e “Literatura” podemos perceber uma variedade mais ampla de títulos, supondo que o enfoque nessas seções fosse outro tipo de leitor, textos voltados mais para um público masculino. É o que ocorre no conto “O fonógrafo”, de França Júnior, no qual o narrador compara diversos tipos de beleza, inclusive entre a flor, a mulher e o fonógrafo que vira em Paris.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta breve incursão pelo primeiro periódico diário da então jovem Província de Alagoas, com sua recém-empossada capital, Maceió, pudemos perceber que as escolhas literárias do *Diário das Alagoas* refletem não somente o gosto de seus leitores, suas predileções, mas também a própria estrutura social, ainda incipiente, voltada para o patriarcalismo, buscando o triunfo das virtudes cristãs, ao mesmo tempo em que procurava formas de evasão e a idealização dos sentimentos mais sublimes, em uma literatura típica para “senhoras”. Esse pensamento cristão já estaria presente na própria escolha de *Renato* para iniciar as publicações folhetinescas no *Diário*. Paralelamente, uma literatura mais masculina também se impunha, em uma tentativa de agradar a diversos tipos de leitores.

É igualmente marcante o desejo por estabelecer uma imprensa consistente em uma província tão longe do Rio de Janeiro. Uma prova disso são os inúmeros jornais que buscaram se fixar ao longo do século XIX e a tentativa, frutuosa, de implementar em 1858 um periódico diário em uma cidade recém-formada, com uma vida social pacata, ainda muito ruralizada, pouco escolarizada, em que um percentual considerável da população dependia do jornal como única fonte de cultura.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- COSTA, Craveiro. *Maceió*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939.
- LUKÁCS, George. O romance como epopeia burguesa. *Ensaios Ad hominem/Estudos e edições Ad hominem*, n. 1, tomo 2, p. 87-135, 1999.
- MARQUES, Danilo Luiz. Escravidão, Quotidiano e Gênero na Emergente Capital Alagoana (1849-1888). *Sankofa* (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 6, n. 11, p. 71-95, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88912>. Acesso em: 8 fev. 2025.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política – Livro I*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- RIBEIRO, Rosária Cristina Costa; VIANA, Ana Patrícia Costa dos Santos. O romance-folhetim em Maceió: um panorama inicial. In: BARBOSA, Adriana *Misclânea, Assis*, v. 36, p. 181-200, jul.-dez. 2024. ISSN 1984-2899

de Fátima Alexandrino Lima; MEDEIROS, Ana Clara Magalhães de; SILVA, Susana Souto (org.). *A literatura entre múltiplos gêneros, tempos e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024, p. 220-239.

RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. *História da imprensa em Alagoas (1831-1931)*. Maceió: Sergasa/Arquivo Público de Alagoas, 1987.

SANT'ANA, Moacir Medeiros de. O romance e a novela em Alagoas. In: MACIEL, Pedro Nolasco. *A filha do Barão*. Maceió: SENEC, 1976, não paginado.

SANTOS, Crislanne Maria dos. *As mariposas pousam ao entardecer: prostituição, biopolítica e resistências de gênero na imprensa de Maceió, AL (1970-1980)*. Dissertação (mestrado em História) – UFAL. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. PPGH, Maceió, 2023.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La Littérature au quotidien: poétiques journalistiques au XIXe siècle*. Paris: Média Diffusion, 2009.

TICIANELI, Eduino. Craveiro Costa, historiador, estatístico, político, escritor e jornalista. In: TICIANELI, Eduino. *História de Alagoas* (site), Maceió, 20 de maio de 2017, s. p. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/craveiro-costa-historiador-estatistico-politico-escritor-e-jornalista.html>, acesso em 8 fev. 2025.

ZILBERMAN, Regina. Memórias de Chateaubriand no Brasil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. v. 19, n. 31, p. 3-17. 2017. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/issue/view/31>. Acesso em 9 fev. 2025.

BASE DE DADOS

BRASIL, Hemeroteca Biblioteca Nacional Digital do Brasil. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

Recebido em 10 de fevereiro de 2025

Aprovado em 10 de agosto de 2025